# CRISTIANISMO DOS PERSEGUIDOS: DOM HELDER CÂMARA E A DITATURA MILITAR (1964-1969)

Rosildo Henrique da Silva[1]



**RESUMO:** Este trabalho irá averiguar o papel da Igreja católica, na figura do Arcebispo de Olinda e Recife Dom Helder Câmara, como um defensor dos Cristãos perseguidos pela ditadura civil-militar. Evidenciando a luta constante de Dom Helder em um período sombrio da sociedade brasileira, onde os católicos que pensavam diferentes das elites dominantes eram acusados de subversivos, havendo, com isso, à defesa de parcelas da Igreja Católica aos que foram perseguidos e tiveram seus direitos violados. O arcebispo de Olinda e Recife discursou constantemente contra as perseguições e em diversos momentos defendeu os direitos humanos. Lavando-o a ser também perseguido pela ditadura civil-militar brasileira. Por meio da pesquisa e tratamento das informações, foram realizadas pesquisas nos jornais do período de 1964 a 1969 encontrados na Hemeroteca Digital, além dos documentos de Dom Helder Câmara, como palestras, cartas circulares e boletins da arquidiocese, que estão contidos no acervo da Companhia Editora de Pernambuco-CEPE.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dom Helder. Ditadura Civil-Militar. Igreja Católica.

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho discutiremos as ações e reações da sociedade conservadora Pernambucana contra os discursos de Dom Helder em favor dos perseguidos pela ditadura civil-militar, acusando e perseguindo-o. A ditadura civil-militar iniciou-se no Brasil em 31 de março de 1964. O presidente do Brasil era João Goulart, que assumiu à presidência em 1961 após a renúncia do presidente Jânio Quadros. As ideias de Jango era mal vista pelas elites brasileira, pois, João Goulart queria fazer algumas reformas de base que atingiam vários grupos no poder. Além disso, era acusado de ligação com os países comunistas, que devido à Guerra Fria, era considerado um mal que deveria ser extinguido. Como salienta Marcos Napolitano,

[1] Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP.

> Para sua sorte e azar, no dia da renúncia de Jânio Quadros, João Goulart estava em missão diplomática-comercial na China comunista. Sorte, pois, se estivesse no Brasil teria sido preso pela junta militar. Azar, pois, para a opinião pública conservadora, a visita aos comunistas consolidava a pecha de subversivo e filo-comunista pela qual a direita rotulava o vice-presidente. (NAPOLITANO, 2014, p. 32).

João Goulart, durante o seu curto governo, acreditava que teria o apoio da população para às suas reformas de base. No entanto, havia uma propaganda midiática bastante expressiva contra ele, principalmente liderada pelo governador do Estado de Guanabara, Carlos Lacerda. O historiador Carlos Fico analisa João Goulart dizendo que ele cometeu algumas ações equivocadas que resultou na sua deposição: a primeira, foi o seu pronunciamento ao Congresso Nacional, onde dirigiu palavras muito duras, afirmando que o congresso era moroso nas suas decisões. A segunda, foi ocasionada pela revolta dos marinheiros, estes juntaram-se em frente à sede do sindicato, organizada pelo cabo Anselmo,[2] e fizeram algumas exigências, diante disto, o ministro Silvio Mota enviou fuzileiro para prender os lideres, porém, os fuzileiros aderiu ao amotinados. João Goulart tentou uma solução amigável, porém, causou incomodo nas altas patentes. Os membro do sindicato foram levados para o Batalhão de guardas do I Exército, no entanto, o ministro do trabalho, negociou e foram todos soltos. Os militares ficaram indignados com estas atitudes e quebras de disciplinas. A terceira ação equivocado João Goulart prestigiaria com sua presença outra comemoração de militares subalternos, evidenciando colaboração do presidente para apoiar quebras de hierarquias. (FICO, 2014, p. 50-51).

[2] Cabo Anselmo, foi um agente duplo da ditadura militar brasileira, esteve junto com o revolucionários, foi exilado, esteve em Cuba e voltou ao Brasil para fazer a revolução, porém, ele estava em contato com os agentes do golpe civil-militar. Com suas denúncias foram mortas centenas de pessoas. Um fato ocorrido em Pernambuco em 1973, onde foram mortos seis pessoas na Granja São Bento em Pernambuco, traídos por cabo Anselmo, todas tiveram tiros na cabeça, mostrando que foram executadas, inclusive a namorado de cabo Anselmo. Ela foi orientado pelo comando revolucionário que cabo Anselmo era um agente duplo, ele descobriu e foi o fim de todos.

Com a vitória do regime civil-militar[3] em 1964, eles tentaram legitimar de alguma forma o regime. Como esclarece Maria José de Rezende, "O regime político que irrompeu a partir de 1964 se debateu, desde seus primeiros momentos, para atestar a legitimidade de seu poder de mando e decisão". (RESENDE, 2013, p. 32).

Em Pernambuco, grupos organizados de agricultores reivindicavam seus direitos à terra, estes eram chamados de ligas camponesas, apoiados por Francisco Julião, advogado e político que dava assistência as ligas. Por defender as ligas camponesas, Julião, passou a ser conhecido nacionalmente como o organizador e lider das ligas camponesas em Pernambuco. As Ligas foi fundada no ano de 1955 no engenho Galiléia, como ressalta Antônio Torres Montenegro, "foi nesse cenário que os foreiros do Engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão (PE), decidiram criar uma associação de ajuda mútua, de forma que pudessem, de maneira solidária, socorrer uns aos outros nos momentos de necessidade." (MONTENEGRO, 2004, p. 394). As ligas camponesas queriam a Reforma Agrária e o fim do Cambão.

O Estado Pernambuco estava sendo governado por Miguel Arraes que era acusado de colaborar com as agitações no campo. A vitória de Arraes para ser governador de Pernambuco foi muito difícil, como afirmou Manuel Correia de Andrade, "a campanha política foi das mais renhidas e radicalizadas".(ANDRADE, 1989, p. 39). Na campanha, Miguel Arraes foi acusado de comunista, com isso, à Igreja Católica esteve contra a sua candidatura. A oposição tentava divulgar a ideia da Cubanização do Nordeste e elencavam vários acontecimentos: como a invasão da propriedade privada, incêndios de canaviais, greves operárias etc., para a elite ficava claro, com estes acontecimentos, a instalação do comunismo no Nordeste, bem salienta Fernando Coelho,

[3] O golpe é classificado como "civil-militar", uma vez que teria sido arquitetado por setores dominantes do mundo civil, articulados com figuras-chave do setor militar, uns e outros integrantes do complexo formado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD). Ver JOFFELY, Mariana. **Aniversários do golpe de 1964***:* debates historiográficos, implicações políticas, Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 204 - 251, jan./mar. P. 208. 2018.disponivel em: http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/issue/view/2175180310232018/showToc, acesso em: 24. Abril. 2020. Estes historiadores são chamados de revisionistas.

> Além de apontar Miguel Arraes como responsável pela agitação e tentar fixar, no País, a ideia de que Pernambuco era uma barril de pólvora – pronto para explodir a qualquer momento – a oposição denunciava como iminente a "cubanização" do Nordeste. [...] as greves operas, os incêndios de canaviais, a invasões de propriedade privadas e os conflitos na zona da mata fariam parte da estratégia comunista de desorganização da economia para tomada do poder. Como também o treinamento de milícias populares – como armas recebidas de Cuba e da Tchecoslováquia – e a instalação de centenas de ligas camponesas, sindicatos rurais e associações de bairro. (COELHO, 2004, p. 97).

A pressão dos trabalhadores do campo era enorme, diante disto, muitos sindicatos surgiram, alguns, incentivados pela Igreja Católica. A Igreja indicou o padre Crespo, como coordenador dos sindicatos mais moderados. O sindicato tinha menos filiado, mas conseguia a autorização do Ministério do Trabalho para funcionar, diferente dos liderados pelo PCdoB, com mais filiados, mas não conseguiram autorização para a filiação, gerando uma grande confusão. A imprensa aproveitou os acontecimentos e acusava o governador Miguel Arraes pela desordem. Como esclarece Júlio César Pessoa de Barros, "enquanto isso, a imprensa desgastava à imagem do governo perante à Igreja"(BARROS, 2013, p. 195). Tanto Miguel Arraes quanto Francisco Julião foram acusados de serem comunistas e subversivos. Estes eram candidatos da esquerda, levando os grandes proprietários de terras lançarem um candidato contrário, pois afirmavam que as ligas camponesas estão destruindo o seu patrimônio, como afirma o diário de Pernambuco, "essas agitações chegaram a numerosos e criminosos incêndios de canaviais, pelos elementos das ligas camponesas."( Diário de Pernambuco, 10.01.1962)

Diante das acusações dos proprietários de terras contra as ligas camponesas de praticarem crimes e serem subversivos, os militares ao assumirem o poder em 1964 dissolveram e perseguiram os líderes das ligas camponesas, como salienta Manuel Correia de Andrade, "quando ocorreu o movimento militar de 1964 e foram perseguidas e extintas. Seus liderem foram perseguidos, presos e acusados de incendiários. Tendo de amargar longos anos nas prisões ou se exilarem."(ANDRADE, 1989, p. 41).

Pernambuco nunca foi um bom anfitrião para os dominadores, o povo ia para a luta contra a classe dominadora como ocorreu com o Quilombo de Palmares, a Invasão Holandesa, a Guerra dos Mascares, a Revolução Pernambucana e a Confederação da Equador. Agora os militares querem dominar o Estado, foi necessário usar a força e prender o governador Miguel Arraes. Mas as forças políticas e sociais continuaram lutando contra o pisotear da democracia.

Pernambuco próximo ao golpe militar era mal visto pelas elites Estaduais e Nacionais, pois, havia acusações de ter dois governos comunistas, como por exemplo a prefeitura com Pelópidas Silveira, que foi prefeito do Recife por três vezes, em 1946, 1955 e 1963, tinham ideias democráticas e inovadoras e a oposição acusavam de comunista. O Estado estava governado por Miguel Arraes, considerado comunista. Pelópidas Silveira tinha enormes problemas com a oposição e não era bem vista pelo bispo Dom Carlos Coelho, porém, com a morte do Arcebispo, e a chegado de Dom Helder Câmara foi uma alegria para o prefeito, pois, as ideias do novo bispo assemelhavam as dele. Segundo ele afirmou no *Jornal Última Hora*, "o Recife está de parabéns, pois acaba de ganhar um arcebispo ligado a causa do povo com atuação marcante na resolução de vários problemas sociais das classes menos favorecidas"(Jornal Última Hora, 17.03.1964).

## DOM HELDER CAMARA E AS PERSEGUIÇÕES

O padre Helder Camara ao saí do Ceará com destino ao Rio de Janeiro conviveu com o bispo Dom Sebastião Leme, uma pessoa que proporcionou algumas transformação na Igreja Católica no Brasil, até sua morte em 1946. Quem assume Arquidiocese do Rio de Janeiro foi Dom Jaime Câmara que cultiva uma boa amizade com o Padre Helder. Dom Jaime, convoca-o para trabalhar mais efetivamente nas obras da Igreja, principalmente cuidando do movimento Ação Católica - AC. Com Dom

Jaime, Helder passou a ser monsenhor[4] estando muito ligado ao bispo, até ser transferido em 1964 para a arquidiocese de Olinda e Recife.

O Padre Helder se responsabilizou pela organizava da Ação Católica Operaria-ACO da arquidiocese, pois tinha experiência anterior. No Ceará criou e conduziu a Juventude Operária Cristã. Após a morte de sua mãe em 1935, Helder foi morar no Rio de Janeiro autorizado pelo bispo de Fortaleza e aceito pelo cardeal Dom Leme. Ele era um jovem decidido nas suas ideias. Dom Leme utilizou os conhecimentos do padre Helder Câmara para atuar na educação no período do Estado Novo[5] de 1937. O cardeal dom Sebastião Leme deu apoio ao golpe, como relata Nelson Pilette e Walter Praxedes, "para o presidente e seus apoiadores, dentre os quais estava o cardeal Leme, emprestando ao golpe político o apoio da Igreja Católica brasileira, a ditadura seria um mal menor diante da ameaça representada pelo comunismo. (PILETTI & PRAXEDES, 1997, p. 136).

Dom Helder era bispo auxiliar do Rio de Janeiro e foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife, ele tomou posse na arquidiocese de Olinda e Recife no dia 02 de abril de 1964. Neste período os militares já tinha deposto o presidente João Goulart.

Depois da atuação de Dom Helder na Cruzada São Sebastião no Rio de Janeiro, onde construiu casa para os favelados, este começou a ter um olhar para os menos favorecidos, suas ideias foram aos poucos perturbando Dom Jaime, com isso, ele organizou à transferência e comunicou a Dom Helder, dizendo que os dois para continuarem sua amizade precisavam se separar. As articulações para a transferência levava-o a assumir uma pequena e recém formada diocese de São Luís do Maranhão. Em março de 1964, foi comunicado que iria para esta diocese. No entanto, com a morte do arcebispo da arquidiocese de Olinda e Recife Dom Carlos Coelho, houve articulação para a nomeação de Dom Helder para esta Arquidiocese, nesta, existia alguns conflitos

[4] Monsenhor é um título honorífico concedido pelo papa, geralmente os bispos indicam o padre para serem monsenhores. O papa Francisco acabou com o título de monsenhor, com isso, padres não poderão mais serem monsenhores.

[5] O Estado Novo foi uma ditatura brasileira instalada no governo de Getúlio Vargas, durou de 1937 a 1945. Getúlio queria permanecer no poder, com isso, inventou que os comunistas estavam querendo dar um golpe, e apresentou um plano Cohem, onde mostrava as intenções do comunistas. Porem este plano foi criado por Getúlio Vargas e se aliados.

e precisava de uma pessoa que conseguisse manter o diálogo, mais sem esquecer na hora certa contestar as injustiças. O vigário Capitular Dom José Lamartine Soares[6]Ao ser comunicado oficialmente pelo núncio apostólico dom Armando Lombardi que Dom Helder seria nomeado para bispo de Olinda e Recife no dia 14 de março de 1964, determinou " que os sinos das Igrejas da arquidiocese repiquem festivamente as 6, 12 e 18 horas."(Jornal Última Hora, 14.03.1964). Pelo direito canônico o bispo nomeado, teria até três meses para assumir o cargo. No entanto, dom Helder no dia 12 de abril assumiu a Arquidiocese.

Dom Helder no discurso de posse dizia que "ninguém se espante ao me ver com criaturas tidas como envolventes e perigosas da esquerda ou dá direita da situação ou da oposição."(Diário de Pernambuco, 12.04.1964). Com todas as pessoas e instituições Dom Helder dialogava, porém, não deixava de contestar as injustiças cometidas. As pessoas tidas perigosas, eram consideradas aquelas que faziam parte dos movimentos sociais nos anos 60 e participavam das ligas camponesas. Nestas palavras é provável que tenha ficado uma interrogação dos militares sobre a posição do Arcebispo. Quem dialogava com a esquerda eram considerados pela classe conservadora comunistas ou subversivos.

No seu discurso diante do povo e dos militares, ele mostra uma Igreja do povo e para o povo, como afirmou, "por estranho que alguns pareça, afirmo que no nordeste, Cristo se chama Zé, Antônio, Severino..."Ecce Homo:" eis o Cristo, eis o homem. Ele é

[6] O que é um Vigário capitular/. Padre eleito pelo cabido ou capítulo de uma diocese, para responder por ela durante a vacância ocasionada pela morte ou transferência do bispo. Dom José Lamartine Soares nasceu em Bezerros, no dia 27 de fevereiro de 1927, em 16 de novembro de 1962 foi nomeado, pelo Papa João XXIII, Bispo Titular de Fússala e Auxiliar do Arcebispo de Olinda e Recife, dom Carlos Gouvêa Coelho, por quem foi sagrado bispo em 3 de março de 1963, na Basílica da Penha, no Recife. Com o falecimento de dom Carlos, foi eleito Vigário-Capitular, na vacância da Sé Metropolitana. Chegando Dom Helder Camara como novo Arcebispo, o nomeou Vigário Geral da Arquidiocese. Na comemoração dos 439 anos da fundação de Olinda, D. Helder anunciou em sua "Mensagem", a nomeação de D. José Lamartine como Vigário Episcopal de Olinda. Foi o braço direito de Dom Helder, cuidando da administração da Arquidiocese com muita dedicação e competência, conhecendo cada funcionário pelo nome. Dom Helder o considerava um irmão muito querido. Na Páscoa de 1985, a Santa Sé o nomeou como Arcebispo de Maceió. Todavia, acometido de um neoplasma maligno, D. Lamartine faleceu antes de assumir a sua nova arquidiocese, em agosto de 1985.

o homem que precisa de justiça, que tem direito à justiça, que merece justiça."[7] Diante de uma sociedade com uma ideologia autoritária e flagrantes atos de injustiças, alegar o Cristo dos empobrecidos, foi muito corajoso a atitude do Arcebispo de Olinda e Recife.



**PERSEGUIÇÃO AO ARCEBISPO DE OLINDA E RECIFE PELO POLÍTICO WANDENKOLK WANDERLEI**

Em 1967 o vereador Wandenkolk Wanderlei ataca Dom Helder com palavras desprestigiadas, acusando-o de ações comunistas. Ele faz um requerimento para vários órgãos governamentais com o intuito de "resguardar a democracia e as tradições cristãs da família brasileira, tratarem os comunistas com o máximo de rigor".(Jornal do Comércio, 03.08.1967). Além disso, tenta atingi-lo na sua missão religiosa dizendo que os arcebispos antigamente eram homens da mais alta compostura e grande obediência a religião e a sua missão que era sempre de dirigir ao espiritual. Ele afirma que Dom Helder não segue as normas da Igreja Católica que existia antes do Concilio Vaticano II e que nesta época ainda havia episcopados que agiam desta maneira. Wandenkolk diz mais ainda, que Dom Helder vive a fazer pronunciamentos ridículos, gaiatos e até diminuitivos à própria crença religiosa. (Jornal do Comércio, 03.08.1967). Diante destas acusações, quem se pronunciou em defesa de Dom Helder foi o bispo auxiliar de Olinda e Recife Dom José Lamartine, como evidencia o *Jornal do Comercio*,

> que diz tal tipo de ataque já está se tornando lugar comum, bastante usada por conhecidas pessoas, daqui e de outras partes do Brasil, não merecendo até hoje da parte do governo arquidiocesano nenhuma resposta. Mesmo por que qualquer atenção dada, veria valorizar indevidamente certas alegações, e quem sabe, alguns de seus autores em busca de notoriedade. (Jornal do Comércio(04.08.1967).

Wandenkolk, deputado em 1977, proclamou que Dom Helder deveria está preso. Para ele o bispo tem atitudes políticas e é comunista. Como relata o *Diário de*

[7] Companhia Editora de Pernambuco, mensagem de dom Helder Câmara na tomada de posse como Arcebispo de Olinda e Recife, 12.4.1964.

*Pernambuco*, na opinião do sr. Wandenkolk Vanderlei, o arcebispo não se comporta como um religioso, mas como um verdadeiro político que nos tempo atuais procura, segundo ele, imitar Maquiavel. (Diário de Pernambuco, 29.04.1977). O deputado com palavras ásperas criticava o arcebispo de Olinda e Recife. Com os discursos em favor das justiças sociais, dom Helder, despertava o rancor de muitos. Ao compará-lo a Maquiavel,[8] quis dizer que Dom Helder usa de artinhas para conseguir chegar e permanecer no poder, com as ideias de que o fim justificam os meios, concepção hoje, errônea referente a Maquiavel. Porém no período era o corrente.

Wandenkolk continua acusando Dom Helder por receber um terreno, época que era bispo auxiliar no Rio de Janeiro, para a Cruzada São Sebastião, e que não prestou contas. Ele tenta levar a opinião pública contra o Dom, alegando diversos factoides para denegri-lo. Ele utiliza também, falas do padre Comblin, expulso do Brasil pelos militares, para ataca-lo, dizendo que o padre queria fechar o congresso e as Igrejas e que o arcebispo era seu aliado. As mentiras iam aumento com o continuar do seus discursos. O deputado finaliza dizendo que deste 1964 que Dom Helder veio para acabar com todo o patrimônio que a Igreja de Olinda e Recife possuía, fechando os Seminário de Camaragibe e Várzea e acolhendo comunistas no Seminário de Olinda. (Diário de Pernambuco, 29.04.1977). Wandenkolk era um político que acusava a todos os adversários, sua imagem era frequente na imprensa acusando e difamando políticos, policiais, padres, bispos, provavelmente com o intuito de ganhar notoriedade.

Dom Helder não agiu com palavras arrogantes que possa destratar Wandenkolk, mas diz "quem tem vida pública deve considera normal encontra compreensão e incompreensão, censuras e aplausos pelo caminho".(Jornal do Brasil, 22.02.1968). O político de língua felina é possível que estivesse angustiado com esta situação, pois

[8] Nicolau Maquiavel foi um filósofo, historiador, poeta, diplomata e músico de origem florentina do Renascimento. É reconhecido como fundador do pensamento e da ciência política moderna, pelo fato de ter escrito sobre o Estado e o governo como realmente são, e não como deveriam ser. Desde as primeiras críticas, feitas postumamente pelo cardeal inglês Reginald Pole, cunhou-se um entendimento equivocado da obra completa de Maquiavel. Com o choque de realidade causado pelas suas ideias sobre a dinâmica do poder, seus textos geraram uma ameaça aos valores cristãos vigentes, principalmente devido às análises do poder político da igreja católica contidas em "O Príncipe" ver: disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicolau_Maquiavel, acesso em: 15 de dezembro 2020.

quando acusavam os seus adversários esperavam respostas e confusão, no entanto, com o arcebispo, encontra, poucas palavras sem agressão.



**PERSEGUIÇÃO AO DOM PELA SOCIEDADE BRASILEIRA DE DEFESA E TRADIÇÃO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE- TFP**

A Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade,- TFP, também perseguiu Dom Helder. Os tefepistas, não cansaram de despejar críticas e acusações ao arcebispo. Plinio Carreia de Oliveira, Líder da TFP, estava na imprensa dando opinião sobre a atuação e discursos de Dom Helder. Os seus seguidores no Recife colheram assinaturas para entregar ao Papa Paulo VI acusando o Dom de comunista. Porém, em Caruaru, ouve confusão, pois a paroquia anunciou que ninguém assinasse, havendo discussão em frente da Igreja e os membros da TFP saíram machucados.

Em 1969, a TFP, divulgou na imprensa, denúncias contra Dom Helder, ao término da Conferência Anual do Programa Católico de Cooperação Interamericano (CICOP), A manchete do *Jornal do Comércio* diz "o arcebispo do Recife abre as portas da américa e do mundo para o comunismo."(Jornal do Comércio,09.02.1969). A Sociedade Brasileira de defesa da tradição, família e propriedade, utiliza uma das frases do arcebispo "o primeiro problema da humanidade não é o choque entre o oriente e ocidente, mas sim entre o norte e o sul, ou seja, entre o mundo desenvolvido e subdesenvolvido. (Jornal do Comércio, 09.02.1969). Dom Helder queria dizer que os países desenvolvidos precisavam dar maior atenção aos subdesenvolvidos e não os explorem. No entanto, para os tefepistas, Dom Helder, menosprezou o problema do comunismo e se preocupou com os assuntos econômicos e políticos.

O que levou o TFP a aumentar a acusação quando no CICOP, dom Helder diz "tomai voz mesmo, a iniciativa da reinclusão de Cuba na comunidade americana e da China vermelha na comunidade humana."[9] A Sociedade Brasileira de defesa da tradição, família e propriedade, encerra afirmando que "o discurso de Dom Helder

[9] Companhia Editora de Pernambuco, 6ª Conferência Anual Internacional do CICOP, Nova York, 26.01.1969

delineia toda uma política de entrega do mundo, e mais particularmente da américa ao comunismo".(Jornal do Comércio, 09.02.1969). Os tefepistas só focaram nesta frase e partiram para as acusações, no entanto, o arcebispo no documento evidencia que os países desenvolvidos, principalmente os Estados Unidos, transformem suas atitudes diante de tantas guerras e revoltas, e comecem a cultivar à paz a justiça, por isso, Dom Helder salienta que precisa aos EUA focar suas forças contra a miséria, e está a serviço do desenvolvimento e da paz. No seu discurso incentiva os povos a lutarem internacionalmente contra a miséria, evitando conflitos entre comunistas e capitalistas.

## PERSEGUIÇÃO A DOM HELDER PELO ESCRITOR GILBERTO FREYRE E A MORTE DO PADRE HENRIQUE

O escrito Gilberto Freyre, conhecido internacionalmente, terminou se envolvendo em contendas politicas ideológicas com Dom Helder. O *Jornal folha da manhã*, citando as palavras de Gilberto Freyre, sou dos que ainda esperam de s. Exa. D. Helder Camara, que nele o pastor vença de vez o político. Seria lamentável que D. Helder se prestasse ao papel de Kerensky brasileiro. (Jornal Folha da Manhã, 26.08.1966). Um das acusações do sociólogo foi identificá-lo com um personagem histórico da revolução Russa de 1917, Kerensky, advogado e revolucionário que derrubou o governo de Nicolau II. Instalando na Rússia um governo socialista. No entanto, Dom Helder não se calou e esclarece que entre um Gilberto perseguido e um perseguidor, prefere o primeiro. Em 1939, após a edição do livro de Freyre houve vários comentários, um dele, refere-se a um estudante chamou Gilberto Freire de "sociólogo bolchevista".(CLAUDINO, 1985, p. 29).

Perseguiram o Arcebispo, mas também, os seus amigos, como ocorreu com o Padre Antônio Henrique Pereira Neto, ordenado em 1965 por Dom Helder. Este trabalhava nas comunidades do Recife, principalmente com a Pastoral da Juventude. Ele fazia diversas reuniões com a juventude falando sobre diversos assuntos, basicamente, aqueles relacionados com drogas, músicas, sexo etc., segundo Diego Arruda Carneiro Cunha, uma das prioridades do Padre Henrique nessas reuniões era trabalhar juntamente

com pais e filhos, tentando um aproximação de gerações que, na década de 60, estavam especialmente em conflito. (CUNHA, 2007, p. 104). Porém, a elite dominante não estava satisfeita e por meio da Organização Paramilitar de direita, sequestrou o padre, matou e jogou em um matagal próximo a Universidade Federal de Pernambuco no dia 27 de março de 1969, ele possuía marcas e ferimentos de torturas, três tiros foram disparados em sua cabeça. Por estar em contato com o povo da comunidade e conscientizá-los era mal visto pelos donos do poder, por isso, acusavam-no de comunista e subversivo. Segundo o Diário de Pernambuco, segundo a autopsia, no cadáver do padre Antônio Henrique, foram constatadas duas perfurações a bala. Um dos projeteis se encontrava alojado no crânio e o outro rompeu o pescoço. (Diário de Pernambuco, 01.06.1969).

O padre Henrique foi morto pelos motivos acima citado, mas também, porque ele tinha uma amizade com Dom Helder Camara. Outras pessoas que auxiliavam Dom Helder foram também perseguidos como salienta Marcos de Castro,

> não cessaram, porém, com a morte de Padre Henrique as violências contra a Igreja da Arquidiocese de Olinda e Recife. Houve uma época, o segundo semestre de 1973, em que Dom Helder teve oito de seus colaboradores mais diretos e mais diletos sequestrados e torturados. Quase todos eram da Operação Esperança. (CASTRO,1978, p. 83).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dom Helder Camara, arcebispo de Olinda e Recife, foi perseguido pela classe conservadora do regime civil-militar. Os discursos e ações do Dom, incomodava a elite brasileira, tentaram com isso, calar sua voz, utilizando de ameaças, não entanto, não adiantou, tentaram também atingi-lo, perseguindo, torturando e mantando os seus amigos mais próximos, como ocorreu com o Padre Henrique, este fato causou tristeza e revolta em todos.

Dom Helder não se amedrontou, continuou sua caminhada de denúncias aos desmandos da ditadura civil-militar, inicialmente no âmbito do territorial nacional, depois expandindo sua voz para vários países. A imprensa brasileira foi censurada,

proibiu-se a qualquer divulgação do nome do arcebispo, mesmo assim, ele utilizava de estratégias para que o povo ouça às suas mensagens.

'A elite conservadora em Pernambuco acusaram o Arcebispo de subversivo e comunista. Sentiram-se incomodados com os discursos em favor das justiças sociais e contra as torturas e desrespeito aos direitos humanos. Tentaram prendê-lo e matá-lo, mas não conseguiram.



## REFERÊNCIAS

BARROS, Júlio Cesar Pessoa de. **Conflitos e negociações no campo durante o primeiro governo de Miguel Arraes em Pernambuco (1963-1964)**. Dissertação (Mestrado em História).2013. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

CASTRO, Marcos de. **Dom Helder**: o bispo da esperança. Rio de Janeiro: Graal,1978.

COELHO, Fernando Vasconcellos. **Direita, volver**: o golpe de 1964 em Pernambuco. Recife: Bagaço, 2004.

CUNHA, Diego Arruda Carneiro da. **Estado de exceção Igreja Católica e repressão**: O assassinato do Padre Antônio Henrique Pereira da Silva Neto. Dissertação (mestrado em História).2007. Universidade Federal de Pernambuco-UFPB, Recife, 2007.

CLAUDINO, Assis. **O monstro sagrado e o amarelinho comunista***:* Gilberto Freire, Dom Helder e a revolução de 64. Recife: editora e distribuidora Opção, 1985.

FICO, Carlos. **O golpe de 64**: momentos decisivos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. ***1964*****:** História do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014.

PILETTI, Nelson & PRAXEDES. Walter. **Dom Hélder Câmara**: entre o poder e a profecia. São Paulo: Editora Ática, 1997.

REZENDE, Maria José de. **A Ditadura Militar no Brasil**: Repressão e pretensão de legitimidade 1964-1984. Londrina: Eduel, 2013, Livro digital.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **As ligas camponesas às vésperas do golpe de 1964**, Proj. História, São Paulo, (29) tomo 2, p. 391-416, p. 394, dez. 2004, disponível em: https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/9974, acesso em: 24 de outubro de 2020.